



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA –  
CAMPUS CABEDELO  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

**ANÁLISE SEMIÓTICA DE BACURAU:  
uma nova representação do nordeste brasileiro no cinema**

WILL ROBSON RAMOS DA SILVA MOURA

CABEDELO  
2025

WILL ROBSON RAMOS DA SILVA MOURA

**ANÁLISE SEMIÓTICA DE BACURAU:  
uma nova representação do nordeste brasileiro no cinema**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Campus Cabedelo, para obtenção do título de Tecnólogo(a) no Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico.

Orientador: Prof. Ms. Anália Adriana da Silva Ferreira

CABEDELLO  
2025

Dados Internacionais de Catalogação – na – Publicação – (CIP)  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

---

M931a Moura, Will Robson Ramos da Silva.

Análise semiótica de Bacurau: uma nova representação do nordeste brasileiro no cinema. /Will Robson Ramos da Silva Moura. - Cabedelo, 2025.  
26f. il.: Color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Superior de Tecnologia em Design Gráfico). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB.

Orientador(a): Profa. Ma. Anália Adriana da Silva Ferreira

1. Cinema - Bacurau. 2. Nordeste - semiótica. 3. Filme nordestino.

I. Título.

CDU 791(813.3)

---



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

Will Robson Ramos da Silva Moura

Análise Semiótica de Bacurau: uma nova representação do nordeste brasileiro no cinema

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de tecnólogo(a) em Design Gráfico, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Cabedelo.

Aprovado em 05 de fevereiro de 2025

**Membros da Banca Examinadora:**

Profa. Me. Anália Adriana da Silva Ferreira  
IFPB Campus Cabedelo

Profa. Me. Rafaela Santana de Souza  
IFPB Campus Cabedelo

Prof. Me. Wilson Gomes de Medeiros

Cabedelo-PB/2025

Documento assinado eletronicamente por:

- **Analia Adriana da Silva Ferreira, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO**, em 14/03/2025 15:33:27.
- **Wilson Gomes de Medeiros, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 14/03/2025 21:47:39.
- **Rafaela Santana de Souza, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO**, em 17/03/2025 16:03:09.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 03/02/2025. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código 663702  
Verificador: 52243e1699  
Código de Autenticação:



Rua Santa Rita de Cássia, 1900, Jardim Cambinha, CABEDELLO / PB, CEP 58103-772  
<http://ifpb.edu.br> - (83) 3248-5400

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente, sou grato a Deus por me dar foco e sabedoria nas decisões tomadas, sendo Ele quem eu pude confiar para escolher qual graduação seguir, ter tranquilidade e superar os desafios em minha trajetória durante o curso e finalizá-lo com paz e um direcionamento para a vida.

Aos meus pais, Will Robson e Maria Angélica, devo minha gratidão por sempre estarem ao meu lado e sempre me darem todo suporte necessário para concluir qualquer coisa em minha vida pessoal ou acadêmica.

Sou grato a minha família que contribuiu na construção de quem eu sou hoje. Diversos arquétipos que pude conhecer, conviver e me inspirar, cada um sendo igualmente importante na minha vida.

Meus amigos de infância, George Paulino e Lucas Meireles, sou grato por podermos nos inspirar em aspectos individuais tão fortes um do outro. Relembrar, assistir e projetar tantos momentos passados, presentes e futuros, porque crescemos, descobrimos e aprendemos juntos e seguimos conquistando nossos sonhos.

Igualmente, eu sou feliz por meus amigos Bruna Rodrigues e Eudes Rufino, por estarmos juntos desde o ensino médio, ajudando uns aos outros em muitas necessidades, em nossos objetivos acadêmicos e procurando desenvolver nossas melhores versões.

Não podia deixar de agradecer o Instituto Federal da Paraíba - Campus Cabedelo. Sou muito grato a cada professor que conheci, que me ensinaram tanta coisa do início do meu ensino médio até a conclusão da minha primeira graduação. E muito obrigado, professora Anália, por ser uma orientadora tão atenciosa e presente no desenvolvimento desse trabalho de conclusão de curso que foi desenvolvido com muito carinho.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>8</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>8</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>9</b>
<b>2.1. Culturas e Signos que Marcam o Nordeste Brasileiro</b> .....	<b>9</b>
<b>2.2. Semiótica no Cinema</b> .....	<b>11</b>
<b>2.3. Cinema do Nordeste Brasileiro e a Estética da Seca</b> .....	<b>13</b>
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	<b>14</b>
<b>3.1. Metodologia de Pesquisa</b> .....	<b>14</b>
<b>3.2. Metodologia de Projeto</b> .....	<b>14</b>
<b>4. Análise: Bacurau (2019)</b> .....	<b>14</b>
<b>4.1. Análise de Ambiente</b> .....	<b>15</b>
<b>4.1.1. Bioma</b> .....	<b>15</b>
<b>4.1.1.1. Identificação dos Signos Presentes - Figura 4</b> .....	<b>16</b>
<b>4.1.1.2. Interpretação dos Signos - Figura 4</b> .....	<b>16</b>
<b>4.1.1.3. Relação com a Narrativa do Filme - Figura 4</b> .....	<b>16</b>
<b>4.1.2. Céu</b> .....	<b>17</b>
<b>4.1.2.1. Identificação dos Signos Presentes - Figura 5</b> .....	<b>17</b>
<b>4.1.2.2. Interpretação dos Signos - Figura 5</b> .....	<b>17</b>
<b>4.1.2.3. Relação com a Narrativa do Filme - Figura 5</b> .....	<b>17</b>
<b>4.2. Análise de Cenário</b> .....	<b>18</b>
<b>4.2.1. Museu Histórico de Bacurau</b> .....	<b>18</b>
<b>4.2.1.1. Identificação dos Signos Presentes - Figura 6</b> .....	<b>18</b>
<b>4.2.1.2. Interpretação dos Signos - Figura 6</b> .....	<b>18</b>
<b>4.2.1.3. Relação com a Narrativa do Filme - Figura 6</b> .....	<b>19</b>
<b>4.2.2. Coração da Cidade</b> .....	<b>20</b>
<b>4.2.2.1. Identificação dos Signos Presentes - Figura 7</b> .....	<b>20</b>
<b>4.2.2.2. Interpretação dos Signos - Figura 7</b> .....	<b>20</b>
<b>4.2.2.3. Relação com a Narrativa do Filme - Figura 7</b> .....	<b>21</b>
<b>4.3. Análise de Personagem</b> .....	<b>21</b>

4.3.1. Domingas .....	22
4.3.1.1. Identificação dos Signos Presentes - Figura 8 .....	22
4.3.1.2. Interpretação dos Signos - Figura 8 .....	22
4.3.1.3. Relação com a Narrativa do Filme - Figura 8 .....	22
4.3.2. Lunga .....	23
4.3.2.1. Identificação dos Signos Presentes - Figura 9 .....	23
4.3.2.2. Interpretação dos Signos - Figura 9 .....	23
4.3.2.3. Relação com a Narrativa do Filme - Figura 9 .....	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	25
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	25



## **Análise Semiótica de Bacurau: uma nova representação do nordeste brasileiro no cinema**

Will Robson Ramos da Silva Moura<sup>[1]</sup>, Anália Adriana da Silva Ferreira<sup>[2]</sup>

<sup>[1]</sup>moura.will@academico.ifpb.edu.br. Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Brasil. <sup>[2]</sup>analialia.ferreira@ifpb.edu.br. Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Brasil.

### **Resumo**

O nordeste brasileiro é um extenso território onde abriga uma rica diversidade cultural, lugar com grande potencial para suas nuances serem exploradas pela indústria cinematográfica. Porém, segundo Andrade (2008), essa região por muitos anos vêm sendo retratada de forma estereotipada, com foco na imagem de que o nordeste é sinônimo de seca. A capacidade de construção de narrativas visuais e simbólicas do cinema é importante para a compreensão e ressignificação desse processo de representação do nordeste, e a semiótica é essencial para entender como esses signos operam. Este artigo propõe-se a analisar o uso da semiótica em filmes nordestinos para a representação do nordeste, com o intuito de compreender a autenticidade desta representação, tendo como alvo de análise Bacurau (2019). Assim, foi feita uma pesquisa bibliográfica a fim de identificar os principais signos que marcam o nordeste. Através da metodologia de análise semiótica de imagem de Joly (1996) como ferramenta principal de análise, conclui-se que Bacurau (2019) desconstrói estereótipos e apresenta uma perspectiva contemporânea do cenário nordestino.

**Palavras-chave:** Bacurau; cinema; nordeste; semiótica.

### ***Semiotic Analysis of Bacurau: cinema and authentic representation of northeastern Brazil***

#### **Abstract**

*The Brazilian northeast is an extensive territory home to rich cultural diversity, a place with great potential for its nuances to be explored by the film industry. However, according to Andrade (2008), this region has been portrayed in a stereotypical way for many years, focusing on the image that the northeast is synonymous with drought. Cinema's ability to construct visual and symbolic narratives is important for understanding and re-signifying this process of representation of the northeast, and semiotics is essential for understanding how these signs operate. This article aims to analyze the use of semiotics in northeastern films to represent the northeast, with the aim of understanding the authenticity of this representation, with Bacurau (2019) as the target of analysis. Thus, a bibliographical research was carried out in order to identify the main signs that mark the northeast. Using Joly's (1996) semiotic image analysis methodology as the main analysis tool, it is concluded that Bacurau (2019) deconstructs stereotypes and presents a contemporary perspective of the northeastern scenario.*

**Keywords:** Bacurau; cinema; northeast; semiotics.

### **1. Introdução**

A indústria do cinema é uma fábrica de cenários e narrativas que atinge e influencia pessoas do mundo inteiro. “ [...] o cinema pode ser visto como um dispositivo de representação, com seus mecanismos e sua organização dos espaços e dos papéis” segundo Costa (1989, p. 26, apud Andrade, 2022, p.7-8). E isso torna-o uma forte ferramenta de construção de sentido e ideias de impacto na sociedade. (Andrade, 2022)

Na organização de filmes, existem diversas áreas profissionais que atuam juntas para construir o produto final, tendo elas a finalidade de montar um conceito estético e mensagem do filme. Papéis como o diretor ou designer de produção, trabalham “por meio do uso de espaço, volume, luz, cor e

textura, ele tem o objetivo de criar um design que apoie e fortaleça a história e as personagens” (Barnwell, 2013, p. 101), que é mantido e monitorado durante toda a produção para assegurar a identidade do filme.

A identidade e significação de um filme são particularmente preciosas em obras produzidas no nordeste brasileiro, tendo em vista a pluralidade de elementos culturais e cenários únicos para a construção de uma narrativa. O cuidado nessa construção de sentido é importante no produto do imaginário popular do que é o nordeste, dentro e fora das salas de cinema, já que as vastas possibilidades de se montar a concepção global do ambiente do filme faz com que esses elementos tenham que ser profundamente estudados e selecionados para a execução de um filme.

Segundo Peroni (2020), o povo nordestino, desde a sua formação, possui grande miscigenação de africanos, indígenas e portugueses, posteriormente dando frutos a diversas manifestações culturais e de signos, como nas festividades populares, arquitetura, artesanato, que são ricos em cores, formas, tipos de bordados, etc. Porém, de acordo com Andrade (2022), mesmo essas vastas possibilidades de representação mostram-se limitadas, na prática. Durante muitos anos, filmes nacionais que retratam o nordeste parecem possuir um padrão, onde, em grande quantidade, coloca-se a seca como elemento chave em seu “discurso”, transmitindo a imagem de que o nordeste tem a seca e o sertão como cenários e personagens da trama principal ou de citação enfática, criando um imaginário popular pejorativo sobre a região.

O acervo de signos que marcam o nordeste junto a composição de planos e montagens de forma estratégica no design de produção, tem o poder de produzir diversos interpretantes, “[...] signo que provoca na mente o início ou a continuidade das associações de ideias. Nesse sentido, ele tem um caráter de expansão, de evolução, de cópula, de desenvolvimento, de aprendizagem [...]” (Santos, 2011, p. 13).

Diante disso, acompanhar a evolução da representação do nordeste no cinema brasileiro mostra-se de extrema importância para entender como a construção estética e narrativa contribuem no processo de semióse sobre a realidade e diversidade da cultura nordestina. A semiótica pode ser vista como uma forte ferramenta na elaboração da construção de sentido e ideias, e também de análise daquilo que já foi produzido.

O problema prático deste artigo é suprir a necessidade de um estudo de análise de imagem semiótica em filmes nordestinos para contribuir na representação assertiva do nordeste brasileiro; enquanto o problema de pesquisa busca entender o uso da semiótica em filmes nordestinos para criar uma narrativa autêntica.

Desse modo, o objetivo geral é analisar o uso da semiótica em filmes nordestinos para a representação do nordeste através das seguintes etapas: identificar os principais elementos culturais e signos que marcam o nordeste brasileiro, qual imaginário popular tem-se formado ao longo do tempo e analisar um filme nordestino recente de impacto — sendo o objeto de análise o filme Bacurau (2019) —, de acordo com a metodologia de análise semiótica de Joly (1996) como ferramenta principal de análise para interpretar a utilização de signos e símbolos culturais específicos no filme, e como eles contribuem para a construção de identidade e narrativa visual, a fim de entender a autenticidade da representação do nordeste em relação ao uso da semiótica.

## **2 Referencial Teórico**

Para estruturar o artigo, foram utilizadas referências e artigos de autores com foco na identificação dos signos culturais do nordeste brasileiro para construir uma base mais próxima a realidade histórica e atual da região e, também, qual a leitura de alguns autores relacionados a como o nordeste é comumente representado e interpretado no cinema. A semiótica é estudada para ser usada como ferramenta de análise, auxiliando no entendimento dos elementos e suas representações na composição imagética.

### **2.1. Culturas e Signos que Marcam o Nordeste Brasileiro**

A cultura é um elemento essencial que impacta na estrutura de uma sociedade. Sendo construída

por um conjunto de crenças, costumes, comportamentos, conhecimentos e símbolos, a cultura caracteriza cada povo. Essa caracterização evidencia como as condições contextuais a que um povo se encontra molda-o, como a localidade, período histórico e interações sociais que, com o decorrer do tempo, impactam o desenvolvimento de um grupo e constroem uma identidade coletiva. Isso evidencia a pluralidade de possibilidades de expressões e tradições, e como a cultura de cada povo é única, refletindo as consequências da realidade que determinado grupo social está inserido. (Peroni, 2020)

O nordeste brasileiro é um exemplo excepcional de como uma região pode abranger uma variedade de costumes e tradições artísticas, principalmente pelo que deu-se em sua história. Com a chegada dos portugueses, o estado da Bahia foi o ponto inicial das primeiras iniciativas de colonização pelos europeus, no Brasil, que expandiu-se com foco no litoral (litoral esse onde, hoje, tem a presença das principais cidades da região, como as grandes capitais). Na época, foi estabelecida a economia açucareira, que contava com mão de obra escrava africana e indígena, desenvolvendo, nesse contexto colonial, a concentração de terras e desigualdade social. A presença desses povos marca o nordeste como uma região de grande miscigenação, trazendo consigo as consequências do desenvolvimento de novos costumes em relação ao choque cultural, e sua história também influencia no produto da estruturação social que se adveio.

A região conta com o clima que varia do tropical, no litoral, até o semiárido, no sertão, o que impacta diretamente na dinâmica agrícola e disponibilidade hídrica desses locais. À exemplo, temos a caatinga, bioma exclusivamente brasileiro, que ocupa cerca de 70% do território nordestino, sendo caracterizado pela adaptação de plantas e animais aos períodos de seca extrema e estiagem. A adaptação às condições ambientais influencia em como as pessoas se organizam econômica e socialmente. No sertão, as condições de aridez levaram a agricultura a ser voltada para o consumo próprio das famílias que a produziam, enquanto no litoral, pela abundância hídrica, deu-se a possibilidade de ter cultivos voltados ao comércio. (KIILL, 2021)

Esse contexto geográfico influencia e segmenta características específicas de cada região do nordeste, que possui 9 estados distintos, sendo todas elas diversas em suas festividades, costumes e trajes de forma única. No litoral tem os principais polos turísticos, que contam com diversas tradições africanas, como Candomblé, a Umbanda e a Capoeira, e é marcado com danças como o axé e o frevo. Já no sertão, as festividades e tradições são influenciadas pela religiosidade e os desafios do dia a dia do clima e da aridez. As festas juninas se destacam, representando a comemoração da chegada da chuva a devoção à São João, São Pedro e Santo Antônio. (Couto, 2023)

A roupa e artesanato refletem muito do cotidiano dos nordestinos, representando funções práticas e simbólicas do imaginário cultural que traduz sua identidade.

“No Nordeste, não existia uma moda específica a se seguir, mas uma maneira e gosto próprio levada ao estilo dos nordestinos, e normalmente, a utilização do couro era essencial para aguentar os espinhos da caatinga, evitando que suas vestimentas se rasgassem. O traje dispõe de chapéus, gibão, guarda-peito e sapatos, muito utilizado pelos vaqueiros nordestinos, o que acarreta o estranhamento de indivíduos que não usufruem dessa vestimenta. [...]”

(Peroni, 2020, p. 7).

O artesanato é marcado por técnicas de bordados delicados e rendas em tecidos, a confecção de peças de cerâmica, com barro e argila, e trajes de couro, onde algumas peças como os chapéus contam com uso de palha. Essas produções artesanais valorizam matérias-primas locais, sendo elementos utilitários que contam histórias do povo nordestino com símbolos de resistência e criatividade. (Peroni, 2020)

A rica diversidade cultural do nordeste brasileiro se reflete em sua história, geografia e nas suas formas de expressões artísticas únicas. Cada um dos elementos são representações simbólicas de sua identidade que foi moldada com o tempo, com a miscigenação e suas interações com o meio em que estavam incluídos, representando um vasto mosaico de tradições conectadas entre si, a terra, a sua história e aos desafios que nela foram impostas.

No entanto, essa identidade cultural, marcada por signos e símbolos, não se restringe apenas às manifestações tradicionais da região, mas também se estende ao modo como é representada e ressignificada em diferentes linguagens midiáticas, como o cinema. A maneira como esses elementos são incorporados na narrativa cinematográfica influencia diretamente na construção de sentido e na percepção do nordeste na tela. Para compreender esse processo, é essencial recorrer à semiótica, que possibilita uma leitura aprofundada dos signos visuais e simbólicos, analisando como eles operam na formação de discursos e imaginários sobre a região.

## **2.2. Semiótica no Cinema**

Segundo Santaella (2002), semiótica é a ciência que estuda os signos e seu processo de significação na cultura e na natureza. Ela auxilia a analisar os elementos que compõem uma cultura, buscando entender como os signos em suas diversas formas (linguísticos, visuais, sonoros, etc) adquirem significado em seus processos de comunicação e interpretação. Essa análise nos permite compreender o conjunto de significados compartilhados por um povo de uma determinada cultura, sendo possível que seus signos, ritos e costumes sejam decodificados revelando suas interpretações simbólicas.

Para o entendimento da semiótica, é preciso esclarecer o que são os signos, objetos e representantes, que são os pontos principais de embasamento para a análise proposta deste artigo. “Para Peirce, um signo é algo que significa outra coisa para alguém, devido a uma qualquer relação ou a qualquer título” (Joly, 1996, p.36), podendo ser, por exemplo, uma palavra ou uma imagem, que não é a coisa em si, mas a representa. O objeto é o algo a que o signo se refere. O representante é o signo em sua função de significar. Nessa base, também temos o interpretante, que é construção de significado na mente de quem o recebe. Assim, temos a relação triádica entre signo, o objeto que ele representa e o interpretante que dá significado ao signo. (Peirce, 2000)

No cinema, a semiótica está presente na construção de sentido, contando com a junção de elementos como cenografia, figurino, diálogos, cores, texturas, objetos, sons, etc, que contribuem na composição, juntamente com a organização das partes do filmes em uma narrativa construindo um discurso ou argumento, que nada mais é que a justaposição das imagens em movimento na construção de sentido do filme. (Santos, 2011)

Segundo Joly (1996), esses elementos podem ser analisados como uma imagem estática, onde, em sua metodologia, identifica-se os signos da imagem e seus tipos — linguísticos, icônicos e plásticos. Os signos linguísticos são aqueles que utilizam a linguagem verbal, ou seja, palavras e textos escritos dentro da imagem. Os signos icônicos referem-se ao signo que se assemelha ao objeto — mas que também vai incluir os signos indiciais, que tem uma conexão física ou causal com o objeto, e simbólicos, que têm uma relação arbitrária ou convencional com o objeto que representa. Os signos plásticos englobam os elementos visuais que estruturam a imagem, como cores, formas, composição e textura.

Dessa forma, o cinema possui muitos pontos que influenciam em conjunto numa significação, cada elemento presente na composição, seja sonoro, visual ou linguístico, representa um signo que contribui na construção de sentido da obra. Portanto, este artigo é voltado a análise visual do ambiente, do cenário e de personagens, buscando compreender como a escolha dos signos e sua disposição em cena contribuem na composição e como eles influenciam na construção de sentido.

A ambientação de um filme é carregado de significação. A escolha de um determinado local, as características do espaço e a utilização ou não de elementos da natureza contribuem para a construção de uma atmosfera, que irá, além de contextualizar, despertar os sentidos do espectador. A exemplo do sertão nordestino, o ambiente pode tomar um papel não só de auxílio narrativo, mas também de destaque, pois “no percurso da história do cinema brasileiro, observa-se que, diversas vezes, o sertão nordestino encontra-se como tema de filme, como espaço digno de aparecer no cinema, como assunto interessante para ser roteirizado e, posteriormente, virar cenário e personagem.” (Andrade, 2008, p. 45).

**Figura 1 - Ambientação do Auto da Compadecida (2000)**



Fonte: Captura de Tela do Autor, plataforma Globoplay (2024)

No filme *O Auto da Compadecida* (2000), retratado na Figura 1, a ambientação nordestina traz paisagens áridas juntamente da cidade interior de Taperoá (PB), que serve como pano de fundo para a história dos personagens principais que refletem a cultura popular e as crenças do povo. A escolha por locações reais e a utilização de elementos da cultura popular, como a música e a dança, trazem maior autenticidade à narrativa e aproximam o espectador do universo da história.

O cenário é um elemento pensado e montado com grande potencial de significação. Aqui, há um leque criativo de inúmeras possibilidades, onde o diretor do filme e o designer de produção trabalham juntos “por meio do uso de espaço, volume, luz, cor e textura, ele tem o objetivo de criar um design que apoie e fortaleça a história e as personagens” (Barnwell, 2013, p. 101), que é mantido e monitorado durante toda a produção para assegurar a identidade do filme.

**Figura 2 - Colagem Cenários de Parasita (2019)**



Fonte: Captura de Tela do Autor, plataforma Max (2025)

Como exemplo, em *Parasita* (2019), na Figura 2, a casa da família pobre, era retratada em situações extremas onde, ao morarem num nível subterrâneo, eles possuíam problemas com falta de energia, a água da chuva que escoava do chão da rua para dentro da casa pela janela superior e problemas de conexão de rede, um ambiente sujo, poluído visualmente e barulhento. Que era colocado em contraste com a mansão da família rica, localiza-se num lugar alto, é bem iluminado, minimalista, espaçoso e acolhedor, criando oposição visual que reforça as desigualdades sociais e as tensões entre as duas famílias. A composição dos cenários em "*Parasita*" é detalhadamente trabalhada para contar uma história por si só, fazendo uso complexo dos signos.

Já os personagens, além de suas personalidades e trejeitos, são construídos através de uma série de signos visuais. Os figurinos, os acessórios, a maquiagem e a linguagem corporal são elementos que

contribuem para caracterizar um personagem e criar sua identidade. É no personagem que vimos como todos os elementos que compõem uma obra influenciam no comportamento dos indivíduos.

**Figura 3 - Cenário de Parasita (2019)**



Fonte: Captura de Tela do Autor, plataforma Disney+ (2024)

Na saga de filmes Piratas do Caribe, o personagem Jack Sparrow (Figura 3) é construído a partir de um visual expressivo e extravagante, com roupas rasgadas, acessórios exóticos e uma maquiagem pesada. Essa caracterização, aliada à personalidade do personagem, contribui na percepção de qual é seu papel na trama e o que ele representa.

Com isso, a semiótica no cinema se torna fundamental para a construção de sentido, onde os elementos empregados na obra, ao se integrarem, transmitem uma narrativa que vai além do que é explicitamente mostrado. Vale ressaltar que, essa construção de sentido não se dá apenas no período de ideação, desenvolvimento e execução das filmagens, mas também é influenciada pelo interpretante, e “um filme em si não tem a pretensão de separar o verdadeiro e o falso como se a obra tivesse apenas um sentido, uma interpretação correta. Um filme permite, ao longo do tempo, várias leituras que, em tempos diferentes, se diversificam.” (Santos, 2011, p.19)

### **2.3. Cinema do Nordeste Brasileiro e a Estética da Seca**

O cinema brasileiro possui diversas realidades que podem ser narradas, devido a sua grande extensão territorial e diversidade cultural, trazendo inúmeras possibilidades a serem exploradas utilizando suas regiões como cenários e símbolos para narrativas que dialogam com suas realidades culturais e sociais. O nordeste aparece como um espaço de rica representatividade, não apenas por suas paisagens características, mas, também, por sua complexidade histórica, de costumes e tradições.

Apesar disso, a imagem do nordeste no cinema brasileiro foi marcada com representações que destacam aspectos como a seca, o cangaço e a religiosidade popular. Historicamente, essas representações tiveram influência do Cinema Novo, que põe o sertão como cenário típico e recorrente para narrativas sobre desigualdade e resistência, reforçando a ideia que vinculava a região ao sofrimento e à luta pela sobrevivência. Filmes como Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964) mostram essa construção, utilizando a paisagem nordestina como espaço de conflito simbólico e social, fazendo do sertão um personagem que interage com as condições de vida e os desafios das pessoas da região. (Andrade, 2008)

A estética da seca como elemento central da narrativa nordestina transcende não só o âmbito cinematográfico, ela é amplamente abordada em obras da literatura de cordel, onde o próprio povo nordestino a desenvolve, e na literatura tradicional, como em "Vidas Secas", de Graciliano Ramos. A aridez e a escassez de recursos representadas na paisagem, além de contextualizar o meio em que os personagens estão inseridos, também assume uma função simbólica, refletindo a dureza da vida

sertaneja. Segundo Andrade (2008), o sertão, ao ser incorporado como cenário e personagem, expressa a relação direta entre o ambiente e os problemas humanos. E essa construção imagética ressignifica o sertão como lugar de luta pela sobrevivência, se tornando parte da identidade cultural nordestina.

A dualidade do sertão com o litoral, no cinema, revela como há narrativas que tanto contrastam, quanto conectam esses dois espaços. Enquanto o sertão costuma ser associado à seca e à pobreza, onde seu povo é visto como submisso e sem conhecimento, o litoral é apresentado como um espaço de abundância e progresso. E isso destaca as diferenças sociais e econômicas das duas regiões que fazem parte da região, que pode ser interpretada de forma a reforçar ou questionar os estereótipos do nordeste, pois evidencia a potencial rede de possibilidades de como o nordeste pode ser representado: em cenários, contextos sociais, econômicos e interpretações culturais. Filmes que exploram essas possibilidades contribuem para novas percepções da região, sem resumir sua complexidade a um único estereótipo.

Assim, o nordeste mostra-se exemplo de como é possível ter uma forma de identidade cultural forte no imaginário popular, sendo construído pelo cinema brasileiro. A utilização da estética da seca e de outros elementos regionais demonstra o poder e capacidade do cinema em construir significados complexos, ditando a realidade de forma autêntica ou não, assim, construindo esse imaginário coletivo. Dessa forma, o cinema não apenas retrata o nordeste, mas também toma um papel ativo de ressignificação, podendo contribuir para que a região seja vista como o espaço de riqueza histórica e cultural que ela é.

### **3 Metodologia**

#### **3.1 Metodologia de pesquisa**

A fim de recolher novas amostras, dados e detalhar os resultados sobre a representação do nordeste brasileiro e do seu povo no cinema brasileiro, evidenciar a metodologia de pesquisa de levantamento bibliográfico exploratória.

#### **3.2 Metodologia de projeto**

Para analisar filmes, Penafria (2009) afirma que não há uma metodologia padrão de análise, mas que, além de se contextualizar a obra, há duas etapas importantes de base: decompor e definir e compreender a relação entre esses elementos decompostos. Dessa forma, o conteúdo analisado do filme Bacurau (2019), para este artigo, tem como pontos mais relevantes a ambientação e cenário e os personagens, focando nos principais elementos de cada um deles presentes na obra.

A ambientação faz referência ao lugar escolhido de gravação, um elemento que vai além de ser apenas uma localização geográfica, onde as características do lugar torna-se símbolo de relação entre as personagens e o espaço. Já o cenário é um espaço que, no cinema, é montado intencionalmente, onde cada detalhe é pensado para transmitir uma mensagem específica. Os personagens, por sua vez, são os elementos que transmitem como a história é vivida, como as pessoas, o povo, se conecta ao espaço e a narrativa, tomando forma em suas histórias, costumes e vestimentas.

Para decompor o conteúdo do filme, tem-se duas categorias que esse artigo propõe-se em focar: o cenário, para compreender os signos utilizados e sua composição para a construção da mensagem contextual no ambiente; e personagens, onde o contexto da cena será analisada junto de seus adereços e que significante é criado diante de sua inserção na totalidade da composição. As cenas escolhidas, serão analisadas seus aspectos semióticos, visuais como imagens fixas, de acordo com a metodologia de análise de imagem de Joly (1996).

A proposta metodológica de análise semiótica, tem como etapas: a identificação da existência de signos numa imagem — onde é admitido que um significante possui um significado — e quais são eles; posteriormente, esses elementos que produzem esses significados nos levam a signos de diferentes tipos — linguísticos, icônicos e plásticos —, onde serão descritos para contribuir na leitura da significação total da imagem e sua relação com a narrativa. (Joly, 1996)



No âmbito da análise semiótica, “não existe um método absoluto para análise, mas opções a serem feitas ou inventadas em função dos objetivos.” (Joly, 1996, p.49). Portanto, a análise de Bacurau (2019) tem como objetivo compreender como a presença da semiótica impacta na transmissão da mensagem das cenas analisadas.

#### 4. Análise: Bacurau (2019)

Lançado em 2019, Bacurau é um filme dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, que mistura gêneros como drama, faroeste e ficção científica. O filme se passa num futuro próximo e fictício ambientado no sertão nordestino, que é onde se encontra a pequena cidade de Bacurau. A história começa com o retorno de uma das personagens principais, Teresa, para o funeral de sua avó Carmelita, que é a matriarca da pequena cidade. Contudo, coisas estranhas começam a acontecer, como o desaparecimento da cidade dos mapas digitais, aparição de forasteiros e um drone. E isso se torna a semente que leva o filme a uma narrativa de resistência coletiva, onde os moradores de Bacurau se unem para protegerem-se da invasão dos forasteiros.

É um filme premiado, contemplado em diversas premiações nacionais e internacionais por sua crítica social e sua forma de abordar questões como a desigualdade, violência e exploração. Ganhou no Festival de Cannes (2019): Prêmio do Júri na categoria *Un Certain Regard*, que é uma das categorias mais prestigiadas do festival, dedicada a filmes com narrativas inovadoras e estéticas distintas. No Brasil, ganhou em seis de dezessete indicações no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro (2020), sendo elas de melhor longa-metragem de ficção, melhor direção, melhor roteiro original, melhor efeito visual, melhor montagem ficção e melhor ator, com Silvero Pereira interpretando Lunga.

Bacurau (2019) é um filme de relevância para tornar-se alvo de análise deste artigo. Como filme reconhecido nacional e internacionalmente, premiado, situado no nordeste brasileiro e que tem a originalidade como ponto forte de suas qualidades, essa obra mostra-se rica como material de análise e se encaixa no parâmetro de ser uma obra que tornou o nordeste visível através do cinema.

A análise deste artigo não busca traduzir a mensagem que os diretores tiveram a intenção de transmitir, mas, sim, com base numa metodologia de análise semiótica, fazer uma leitura, do que o produto final transmite, a partir da interpretação do autor deste artigo.

##### 4.1. Análise de Ambiente

Para começar, é feita a análise do ambiente, para entender em que contexto os personagens da história estão inseridos e o que esses lugares podem dizer sobre eles. A primeira imagem de análise introduz a narrativa como sendo no oeste de Pernambuco, em alguns anos posteriores ao lançamento do filme. A segunda imagem trata-se da análise da presença do céu e suas aparições durante o filme.

##### 4.1.1. Bioma

**Figura 4 - Cena Inicial de Contextualização (00:04:26)**



Fonte: Captura de Tela do Autor, plataforma Globoplay (2024)



#### **4.1.1.1. Identificação dos Signos Presentes - Figura 4**

Na figura 4, os signos plásticos da composição visual trazem a organização dos elementos de forma a criar uma linha visual centralizada que guia o olhar do espectador de maneira fluida, com ênfase na profundidade do campo. As cores são predominantemente tons de amarelo e verde, que contrastam com o cinza da estrada e do céu. As texturas da estrada e da vegetação, apesar de volumosa, trazem a sensação de aspereza e dureza do ambiente.

Os signos icônicos são: A vegetação da caatinga e as montanhas ao fundo, que tomam conta da composição, a longa estrada que leva até Bacurau e o caminhão-pipa que está em foco.

#### **4.1.1.2. Interpretação dos Signos - Figura 4**

Na figura 4, a vegetação da caatinga por si só já representa um ambiente adverso e de resiliência diante das condições extremas, sendo um signo indicial. Ela simboliza a dureza da vida no sertão, onde a natureza parece resistir com tão poucos recursos, mas, ao mesmo tempo, consegue se adaptar e sobreviver. A vegetação não é apenas um reflexo do bioma nordestino, mas também um sinal de resistência: embora seca e apresentando pouca vitalidade pelos tons dessaturados, ela sobrevive. Sua predominância em cena com grande amplitude também evidencia como o caminho para Bacurau é distante e isolado, onde o fim do horizonte é alargado pela impressão que as montanhas causam, indicando que há mais daquela mesma vegetação em outros horizontes.

A estrada mostra uma longa trajetória, onde a linha reta que se estende tão distante sugere o isolamento da cidade. Também pode ser vista como o caminho da resistência ou da fuga, onde o movimento representa a constante luta por sobrevivência ou liberdade, já que é ela quem conecta a chegada de suprimentos como também é uma porta de evacuação dessa realidade.

O caminhão-pipa é um símbolo de necessidade e luta pela sobrevivência. Ele está conectado com a escassez e a luta pela água em regiões áridas. A água, como recurso vital, representa não só a sobrevivência material, mas também a resistência à seca. O caminhão é, assim, um indicativo da luta contra a adversidade.

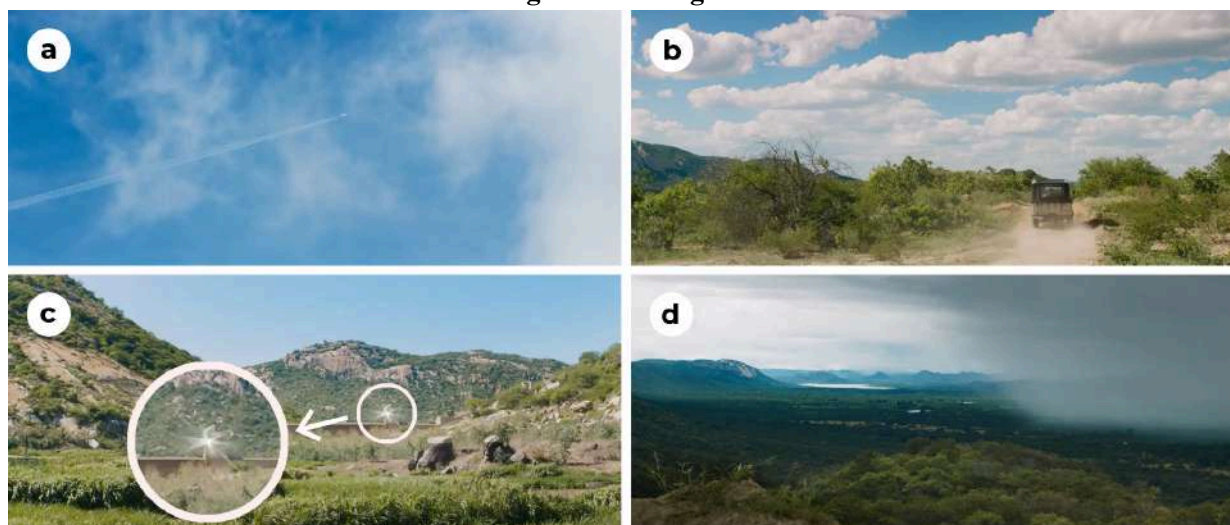
#### **4.1.1.3. Relação com a Narrativa do Filme - Figura 4**

Na figura 4, sendo uma das cenas de abertura do filme, essa imagem representa a contextualização da história da obra. A caatinga não é apenas o cenário do filme, mas um reflexo da resistência e da adaptação das pessoas à dureza da vida no sertão. A vegetação seca e adaptada à aridez do ambiente simboliza a resiliência do povo de Bacurau, que enfrenta a escassez de recursos naturais, mas continua a lutar. Assim como as plantas da caatinga, que parecem resistir à seca, os habitantes de Bacurau enfrentam e resistem às imposições externas de forma incansável, sejam ambientais ou sociais.

A estrada e o caminhão-pipa são dois símbolos que estão muito conectados ao contexto de Bacurau. A estrada é um elemento que evidencia seu isolamento, ao mesmo tempo que mostra que a estrada leva a algum lugar existente, mesmo que, posteriormente, a cidade fosse apagada dos mapas digitais. O caminhão-pipa é um símbolo da escassez e da luta pela sobrevivência. Em Bacurau, a água, assim como outros recursos, é um bem escasso, e a chegada do caminhão-pipa é um momento de resistência constante.

#### 4.1.2. Céu

**Figura 5 - Colagem: Céu**



Fonte: Capturas de Tela do Autor, plataforma Globoplay (2024)

##### 4.1.2.1. Identificação dos Signos Presentes - Figura 5

Os signos plásticos possuem uma variação entre os tons de azul e branco, em alguns momentos trazendo cinza. O céu traz uma grande variação de texturas, aparentando estar limpo, com nuvens dispersas, aglomeradas e até tempestuosa, molhada. Causa tanto a sensação de de secura como a de excesso de água, dependendo da ocasião. A iluminação também varia bastante, tendo a iluminação dura, do tempo aberto, como também suave, do tempo parcialmente ou totalmente fechado.

Os signos icônicos são: o céu azul, nuvens, rastro de avião, reflexo do sol e chuva.

##### 4.1.2.2. Interpretação dos Signos - Figura 5

Na cena “5a”, a variação das cores do céu transmitem qual sensação ou intensidade que a cena em questão busca transmitir. Apesar do céu azul, as nuvens dispersas passam a sensação de que o sol não está atingindo o ambiente ou as pessoas de forma agressiva, principalmente com o signo indicial do rastro do avião. Esse rastro se forma em altas altitudes, quando a atmosfera está gelada o suficiente para que a passagem do avião reaja ao vapor d’água e se condense em gotículas gerando o rastro que são partículas de gelo. Ou seja, isso indica que a atmosfera, além de fria durante o dia, está úmida e propensa para a formação de nuvens.

O quadro “5c”, o céu limpo, sem nuvens, remete uma condição de calor e secura. O uso da comunicação através do espelho mostra-se ser pensada pela recorrência do céu limpo, dando a possibilidade de que esse meio de contato fosse definido. Isso indica que essa condição é comum na região em questão, fazendo uso do sol como uma ferramenta que faz parte da comunicação a longa distância.

Na cena “5d”, a tempestade concentrada remonta a ideia de que algo está se aproximando com tudo. Diante de um céu aparentemente pouco nublado, apenas com nuvens dispersas, a concentração da nuvem tempestuosa causa impacto. Isso, no contexto da imagem no sertão, ela vem como algo bom, onde sua força, apesar de ser agressiva, causará uma grande mudança positiva.

##### 4.1.2.3. Relação com a Narrativa do Filme - Figura 5

A grande variação do céu, em Bacurau, mostra que ele está à disposição da narrativa, assim, desconstruindo a estética usualmente associada ao sertão, marcada pelo sol escaldante e pela ausência de nuvens. Ao incluir formações nebulosas e uma variação climática, o filme sugere um espaço mais dinâmico e variado, ampliando a narrativa de um sertão que não possui apenas uma representação.

O avião, que é foco da aula do professor, pouco antes da descoberta da remoção da cidade dos

mapas virtuais, conecta o sertão de Bacurau com a urbanidade e a modernidade de São Paulo, inserindo uma presença externa na cidade, por mais que seja silenciosa e distante. A passagem do avião também mostra como, apesar da remoção da cidade dos mapas, isso não apaga a existência da cidade, eles ainda permanecem como pessoas e lugares físicos reais e visíveis. São mais do que dados registrados.

O céu ainda possui um papel prático na narrativa, onde o personagem Pacote se aproveita do céu azul e da incidência direta do sol para usá-lo como sinal de chegada para entrar no território em que Lunga está escondido. Esse céu que, anteriormente, mostrava-se cheio de nuvens, enquanto Pacote estava no meio do bioma da Caatinga em direção à represa.

E a tempestade precede o momento do primeiro confronto direto entre a resistência do povo de Bacurau para com os invasores e prepara o espectador para o confronto que se aproxima. É uma referência de como a força da chuva que se aproxima para banhar o sertão, também desse força aos habitantes, que unidos estavam com energia para resistirem a mais uma adversidade que marcaria a história da cidade.

## 4.2. Análise de Cenário

O cenário carrega muitas mensagens, sendo um elemento que é criado com grande autonomia para construir a mensagem a ser transmitida. A análise deste elemento permite entender qual contexto e momento atual da cena. O cenário pode ter uma significação forte o suficiente para contar a história por si só.

### 4.2.1. Museu Histórico de Bacurau

Figura 6 - Colagem: Museu Histórico de Bacurau (01:50:00 a 01:52:14)



Fonte: Capturas de Tela do Autor, plataforma Globoplay (2024)

#### 4.2.1.1. Identificação dos Signos Presentes - Figura 6

Os signos plásticos mostram uma composição cuidadosa, onde o forasteiro e o cenário são posicionados de forma a ressaltar o contraste desses dois elementos. A fachada sugere a rusticidade em sua construção e uma textura irregular e áspera. Enquanto seu interior traz uma grande quantidade de elementos que formam tanto linhas, quanto formas indefinidas. Estão montados de forma, aparentemente, caótica, mas há um direcionamento do olhar para o personagem em contraste. Os tons quentes e terrosos são predominantes e a iluminação se mantém natural até no interior do museu.

Os signos icônicos são: O museu, a fachada do museu, as ferramentas, os objetos artesanais, as fotografias e documentos históricos, a parede de armas vazia e o forasteiro.

#### 4.2.1.2. Interpretação dos Signos - Figura 6

O Museu Histórico de Bacurau é um cenário carregado de significados. Ele representa,

primeiramente, a existência do passado e da história da cidade. Lugar esse onde é evidenciada a resistência e identidade cultural, assegurando a memória coletiva da comunidade. Na cena “6a”, a rusticidade da fachada, feita com pedras, traz a ideia de como o ambiente possui uma importante ligação com a história da cidade. A irregularidade exagerada da parede, causada pelas pedras, remete a vida difícil do sertão, onde a terra e características do bioma se conectam às dificuldades vividas na história das pessoas da cidade.

Nos quadros “6b” e “6c”, as ferramentas e objetos artesanais são signos indiciais da trajetória de luta e sobrevivência da população, revelando como e com quais artefatos as pessoas mantinham essa sobrevivência em seu dia a dia. As ferramentas já enferrujadas do campo e as máquinas de costura indicam a dinâmica de produção agrícola e de utensílios. As esculturas de barro têm a recorrência de animais, incluindo o próprio pássaro que dá nome ao filme e ao lugar, o que demonstra como a expressão do povo estava ligada a sua realidade. Já as armas de fogo indicam como as pessoas de Bacurau não eram inofensivas.

As referências históricas dos jornais e das fotografias da cena “6c” conectam a cidade ao contexto sociopolítico do sertão brasileiro, onde o jornal com o título "Coiteiros de Bacurau são alvos da volante" remete diretamente ao contexto histórico do cangaço, colocando a cidade como parte de um período em que havia confronto entre cangaceiros e as forças governamentais. Já na cena “6d”, a sala de variadas armas é um reforço de como a comunidade sabia se defender em vários momentos de sua história, e ela mostrar-se vazia é uma mensagem clara de como o passado de resistência e força pode ser resgatado na atualidade, uma vez que as personagens pegam essas armas para se defender.

Diante de toda unidade criada pelo museu, o forasteiro é um elemento de alto contraste na cena. Suas cores, trajes, materiais e a arma evidenciam como ele não pertence aquele lugar. Todo seu traje é modernizado, seu estilo remete a contemporaneidade, possuindo colete a prova de balas e sua arma moderna.

#### **4.2.1.3. Relação com a Narrativa do Filme - Figura 6**

O museu de Bacurau é um dos elementos mais fortes usados no filme para reafirmar a identidade da comunidade, conectando o passado com os eventos que desenrolam a trama. A história do povo de Bacurau mostra-se de grande importância para os habitantes, primeiramente, quando direcionam e recomendam que os primeiros forasteiros visitem o museu para conhecê-lo e reconhecer que aquele lugar tem história.

O fato da existência do museu indica que a cidade e aquelas pessoas possuem uma história de pertencimento àquele lugar, já tem um significado forte para a narrativa do filme, uma vez que os habitantes são dispostos a fazerem parte e serem alvos de uma espécie de safári humano. Isso reforça a ideia de que aquele povo não é ninguém, aquele povo é gente. Algo que na perspectiva dos forasteiros, eles são apenas peças dos jogos deles, pois se sentem superiores.

A parede de armas vazia, em especial, possui um papel narrativo claro: ela é um indicador de que o espírito de resistência de Bacurau não faz parte do passado e não existe mais, mas que está apenas adormecido. Quando os moradores tomam essas armas, a narrativa nos mostra que a resistência e força de luta do povo é algo enraizado na história da cidade. Um produto da identidade da comunidade que se mostra viva.

Os elementos do museu conectam e fazem referência de como esses mesmos problemas históricos se repetem, mas tomam novas formas, como a fotografia das cabeças dos cangaceiros expostas numa fotografia ao lado da parede de armas. Essa fotografia, em particular, tem um paralelo direto com o final do filme, onde as cabeças dos forasteiros são enfileiradas e expostas da mesma maneira. Essa repetição reforça o ciclo de opressão e resistência, como também afirma como Bacurau é um lugar que se recusa a ser subjugado, reafirmando a sua força.



## 4.2.2. Coração da Cidade

Figura 7 - Colagem: Coração da Cidade



Fonte: Capturas de Tela do Autor, plataforma Globoplay (2024)

### 4.2.2.1. Identificação dos Signos Presentes - Figura 7

Os signos plásticos do centro da cidade tem sua composição variada, tanto com foco em elementos únicos, quanto diversos, quase que ao mesmo tempo. É uma organização estruturada para caber todos os elementos em contexto, direcionando a visão na narrativa proposta das cenas. As cores predominam terrosas no que se refere ao próprio centro e às construções acerca dele, mas a paisagem do centro ainda traz o verde da vegetação realçada e uma gama de variadas cores em relação aos elementos em cena, causando contraste com a vastidão bege. A iluminação natural é difusa e não causa sensação de calor, mas o chão e as construções trazem a sensação de aspereza, seca e pobreza.

Os signos icônicos são: centro da cidade, igreja, feira, Isa, prefeito, edificações, roda de capoeira, armas, cabeças dos forasteiros, caixões e pessoas.

### 4.2.2.2. Interpretação dos Signos - Figura 7

O centro da cidade de Bacurau é um lugar que representa de diversas maneiras a união do povo da cidade. É uma área vasta que fica à frente da igreja, normalmente vazia, se não fosse ocupada por eventos ou pessoas, assim, se tornando palco para diversas ocasiões.

A igreja da cidade poderia ser um signo simbólico que representa a fé do povo de Bacurau e como ela é presente no cotidiano deles, principalmente por sempre estar presente e ser próxima do centro da cidade, mas ela é usada como depósito. A igreja tem forte presença visual, mas toma um papel de pouca utilidade, causando confusão. Isso pode indicar que, apesar da igreja não ser usada como templo, a cidade como um todo, ou o próprio centro, se tornam o templo da fé do povo. Isso fica evidente com as inúmeras e diversas reuniões da população, quando se reúnem no centro.

A feira, retratada na cena “7a”, é um dos eventos de utilidade da praça. Ela não é muito grande, mas apresenta uma diversidade de bancas e cores. Isso junto de uma circulação de pessoas que preenchem o local, algumas saindo com grandes sacolas, mostra que a cidade consegue se manter. A caminhonete e o pequeno caminhão indicam que alguns suprimentos vêm de fora.

A personagem Isa toma um papel de destaque na cena ambientando a feira. Ela passa numa média distância, sem ter seu trajeto com destino a feira. Mas a personagem mostra, juntamente da composição do quadro, que a feira localizada no centro da cidade se torna o foco da cena, enquanto ela anda pela rua em primeiro plano. Sua postura, seu olhar e seu interesse coloca-a na posição demonstrar a importância e relevância do que acontece no centro.

Essa característica da presença e reunião da população no centro da cidade mostra-se de

importante relevância, quando vemos que essa característica é usada como protesto contra o prefeito, no quadro “7b”. A cidade fica vazia, nem mesmo o coração da cidade possui sinal de vida. O prefeito olha ao redor e para o centro procurando por alguém, mas ele vê-se sozinho, deixando claro como ele não pertence àquele meio, como sua presença repele a todos.

Na cena “7c”, a roda de capoeira evoca a ancestralidade afro-brasileira e representa um ato de resistência cultural. A população está presente em peso e todos participam dessa expressão. O turno do dia indica que essa característica cultural se mantém viva internamente na cultura do povo. A noite e a pouca iluminação mostra como esse ritual está fortalecendo e resgatando a história da população. Assim, o centro também é palco do que é mais íntimo de Bacurau.

No quadro “7d”, as cabeças expostas na escadaria da igreja montam um cenário bidimensional, semelhante a um teatro, onde temos o palco e o público. O personagem armado caminha em linha reta da esquerda (onde há caixões com as vítimas dos forasteiros) para a direita (onde no final da trajetória há um parceiro de resistência). A trajetória do personagem simboliza a linha do tempo da batalha até sua resolução, o quadro final. Essa cena faz referência histórica à prática de decapitação usada como punição e mensagem de poder, comum no período do cangaço, evidenciando a luta, força e resistência da população.

O volume de pessoas está sempre presente para reforçar essa união. Tudo o que acontece na cidade, as pessoas respondem de forma coletiva. Eles vivem, convivem e sobrevivem juntos. Apesar do tamanho da cidade e do pouco número de habitantes, o centro da cidade une todos de forma prática e figurada.

#### **4.2.2.3. Relação com a Narrativa do Filme - Figura 7**

Os significados empregados no centro da cidade através de tantos signos contribuem no impacto causado nos acontecimentos da cidade. Antes da aparição do prefeito, a feira funcionava a todo vapor, com muitas pessoas na rua comprando e comerciantes vendendo. Quando soube-se da chegada do prefeito, através da vigilância da entrada da cidade, todos se organizaram para esvaziar o local, intensificando o ato de protesto diante do descaso político na região.

Enquanto a população se preparava, aos comandos de Lunga, para resistirem ao confronto com os forasteiros, eles se reuniram na praça para formar a roda de capoeira para resgatar e fortalecer sua conexão histórica. Bacurau mostra-se, através do centro da cidade, um lugar onde as pessoas estão sempre unidas fisicamente e culturalmente, representando a unidade que um povo pode ter.

Após a resolução do confronto, onde há diversos caixões das vítimas da cidade, os forasteiros têm suas cabeças arrancadas e enfileiradas na escadaria da igreja. A alusão histórica das cabeças expostas na praça não é feita de maneira tão sutil, pois, em outro momento, é colocado em destaque uma fotografia da cabeça de cangaceiros na parede do museu. Já a grande quantidade de caixões presentes é devido a encomenda feita pelo prefeito, que já havia vendido a vida e a cidade para os forasteiros para, então, fazer a limpeza, após o jogo. Mas seu plano não deu certo.

### **4.3. Análise de Personagem**

Os personagens são os agentes principais da narrativa e carregam consigo signos que revelam informações cruciais sobre sua identidade e de sua comunidade, como também aspectos culturais de organização, costumes e crenças. A análise dos personagens permite interpretar como suas características visuais, comportamentos e interações com o ambiente contribuem para a construção da narrativa. Serão analisados os personagens: 1. Domingas, a médica da comunidade de Bacurau, responsável pela saúde e bem-estar da população, que se mostra presente em momentos chave da narrativa, sendo personagem central durante as reuniões comunitárias e nas interações com o prefeito, onde mantém uma postura firme e direta; 2. Lunga, um líder rebelde que é perseguido pelas autoridades e tem que viver isolado até ser chamado pela comunidade para defender a cidade.

### 4.3.1. Domingas

**Figura 8 - Domingas (00:36:42)**



Fonte: Captura de Tela do Autor, plataforma Globoplay (2024)

#### 4.3.1.1. Identificação dos Signos Presentes - Figura 8

Nos signos plásticos da composição visual, Domingas está focada e centralizada no enquadramento em primeiro plano com uma iluminação direcionada a ela. A paleta predominante são tons muito escuros e terrosos, branco com tons frios da iluminação e há um ponto de enfoque numa iluminação amarelada ao fundo. O contraste do jaleco branco, que também representa o contraste da personagem, por vezes se perde nos diversos elementos em segundo plano, e os pontos de maior contraste são: o rosto da personagem e o analgésico tarja preta. O jaleco cheio de pano traz uma textura macia, enquanto as mesas juntas cheias de elementos remetem a uma superfície irregular. O fundo, por sua vez, com o chão de areia e a parede da igreja trazem aspereza.

Os signos icônicos são: Domingas, o jaleco, o microfone, o analgésico, as mesas, os produtos, a caixa de remédios, adultos e crianças ao fundo, a igreja, uma barraca e a estrada.

#### 4.3.1.2. Interpretação dos Signos - Figura 8

Na figura 8, a cena sugere um quadro que foca no discurso da personagem, mas conta com uma grande quantidade de elementos. Centralizada, Domingas veste seu jaleco branco, símbolo visual de sua função como médica da comunidade, reforçando sua credibilidade e responsabilidade sobre o coletivo. Ela segura um microfone, que amplifica sua comunicação como porta-voz da comunidade e é ouvida, podendo ser tanto um instrumento de comunicação quanto um ícone de liderança.

A iluminação do quadro privilegia Domingas, destacando-a como figura central junto da coloração azulada representando a autoridade, seriedade e inteligência da personagem, mas sem apagar o fundo. As cores amareladas nos adultos e crianças brincando ao fundo, podem representar o otimismo, a ingenuidade e a unidade calorosa e familiar da comunidade.

A mesa com os produtos e alimentos que foram verificadas as validades e se eram seguros para uso e consumo ajudam a contextualizar a personagem como uma agente da saúde, protegendo-os, estando entre os alimentos e o povo de Bacurau que estão sentados ouvindo-a com atenção. Isso demonstra como esses produtos básicos pedem algum nível de atenção da população, uma vez que esses produtos não deveriam apresentar perigo por serem de necessidade básica.

Diferente do remédio tarja preta, que é um elemento colocado em maior contraste no quadro como perigo evidente, na mão de Domingas iluminada segurando o comprimido ao fundo escuro. Como um inibidor de humor, esse elemento simboliza como a política ignora as necessidades reais dos habitantes e tenta domá-los.

#### 4.3.1.3. Relação com a Narrativa do Filme - Figura 8

A cena se passa durante a reunião da comunidade de Bacurau, após a vinda do prefeito pedindo por votos. É um momento de confronto direto com a negligência política. O microfone nas mãos de Domingas, a mesa com itens deixados pelo prefeito e o jaleco demonstra um contexto de abandono social, onde a população é tratada como inferior e manipulada com “presentes” baratos.

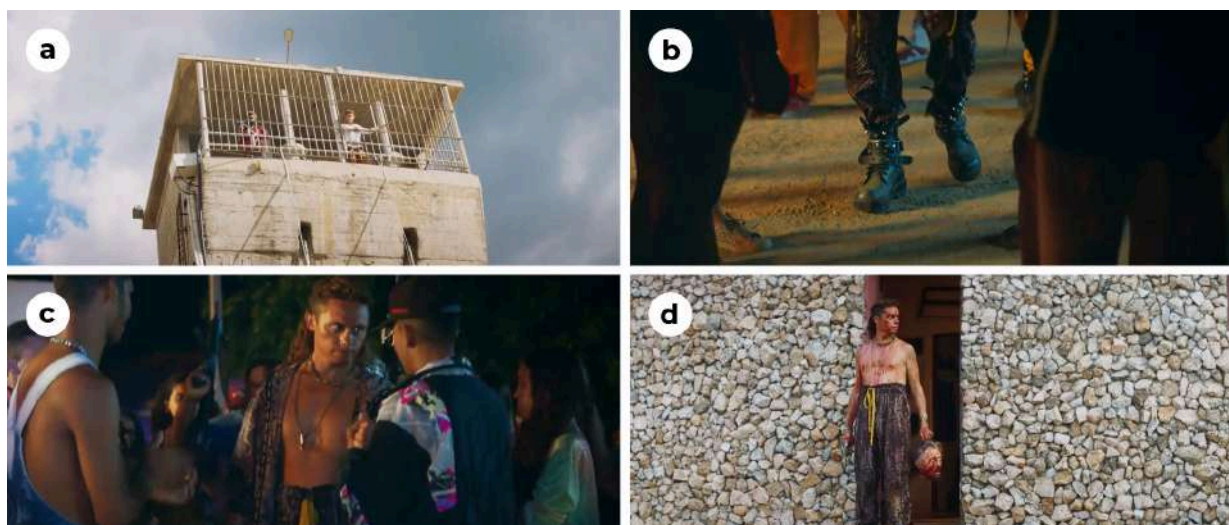
A posição da personagem na interação com os habitantes de Bacurau simboliza o poder de

organização e união da comunidade, sendo um elemento de força e resiliência na liderança coletiva. Seu papel mostra-se claro quando: após o acontecimento da vinda do prefeito, os habitantes poderiam ter visto o ato como algo positivo e terem sido enganados, o que demonstra a importância de Domingas e sua conexão com o contexto coletivo de Bacurau como um povo instruído.

Dessa forma, o discurso da personagem é direcionado tanto aos membros da comunidade quanto ao espectador. Sua fala, postura e a composição de cena ressaltam o tema principal da problemática: a denúncia do descaso para com as comunidades marginalizadas e a hipocrisia das ações políticas vazias.

#### 4.3.2. Lunga

**Figura 9 - Colagem: Lunga**



Fonte: Capturas de Tela do Autor, plataforma Globoplay (2024)

##### 4.3.2.1. Identificação dos Signos Presentes - Figura 9

Os signos plásticos do personagem trazem principalmente tons de marrons e avermelhados com cores metálicas pontuais que se ressaltam. O cenário traz aspereza e dureza, enquanto o personagem causa conforto através de suas roupas e texturas macias com sua pele à mostra. Isso ao mesmo tempo que seus acessórios e objetos também trazem dureza a sensação de perigo. Os enquadramentos se mantêm centralizados no personagem, enfatizando sua grandeza visto de baixo, revelando sua identidade e o colocando em total contraste e foco no quadro em um fundo padronizado.

Os signos icônicos são: torre, grades, roupa branca, céu, pessoas, botas com espinhos, colares, roupa de onça, peito aberto, armas, sangue, cabeça e museu.

##### 4.3.2.2. Interpretação dos Signos - Figura 9

Na cena “9a”, a torre e as grades reforçam a ideia de isolamento e vigilância, um indicativo de como Lunga é representado como a força oculta de Bacurau, um personagem que carrega um significado histórico da cidade e da região que é guardado, mas que está sempre presente observando. Sua roupa branca pode representar como suas ações que o fazem ser perseguido, de alguma forma, simboliza sua inocência, em relação com suas motivações, que ele age de forma a resistir e sobreviver ao ambiente e contextos que é imposto.

Isso faz-se um paralelo com o bioma da caatinga e a relação do povo nordestino com esse ambiente, e, no quadro, a roupa branca se conecta à nuvem carregada ao fundo. Lunga é a tempestade que vai molhar o solo árido num paralelo da água para manter a vegetação viva ou de sangue para manter o povo de Bacurau vivo. E o enquadramento, onde faz o espectador vê-lo num nível superior, ressalta o seu poder.

Nos quadros “9b” e “9c” da cena de entrada de Lunga, as botas de couro preto com tachas



semelhante a espinhos é um signo assertivo em seus significado, pois remetem a movimentos de contracultura, como o Punk, ao mesmo tempo que se conecta ao material usado para resistir ao ambiente hostil da caatinga, como os espinhos que também estão representados na bota. Cada passo dado pelo personagem representa o caminho trilhado pelo povo e a resistência vivida na região. A bota possui uma estética mais modernizada, ela mostra-se como um elemento que representa os desafios passados e atuais de maneira não rústica, e sim mais refinada e atual.

A manta tem costuras grosseiras e à mostra, com cores e texturas que remetem a pele de um animal, ao mesmo tempo que tem seu peito aberto. Isso se conecta à personalidade selvagem do personagem e, também, a sua coragem de enfrentar os desafios de maneira crua, de peito aberto. Sua calça também é rústica e possui mais uma conexão com a invisibilidade da representação cultural do personagem, pois sua estampa é camuflada em cores terrosas, adaptada às condições de camuflagem do ambiente. E o cordão amarelo representa o alerta, que ele está camuflado e adormecido (preso e guardado, como mostra-se na torre), mas sempre alerta e pronto para agir.

O colar de metal carrega um punho cerrado, símbolo de resistência e solidariedade de causas sociais. Mais uma vez reforçando a ideia de resistência social, tanto de sobrevivência, quanto cultural. Esse colar segue acompanhado de cordão curtinho, que fica muito próximo a seu pescoço, aparentemente um pano torcido. Isso pode representar a proximidade da morte de Lunga, como ele está sendo perseguido e sua execução numa forca é eminente. Mas ele resiste e permanece vivo, apesar da cassação das autoridades.

Ele é cassado apenas pelas autoridades. É evidenciado na sua chegada como Lunga é próximo ao povo de Bacurau. Ele sai do meio deles e interage sendo visto como igual, como parte da comunidade. Ele e seus companheiros de luta sendo expostos com armas, saindo de dentro do aglomerado de pessoas, representam a transição do posicionamento do povo de Bacurau: eles estão abrindo as portas do íntimo de sua cultura para resistirem no momento de crise com medidas extremas.

O quadro “9d” de resolução resgata todos os signos da representação de Lunga. O que mostrava-se como vulnerabilidade da pele do personagem, toma-se cheio de sangue, pois a tempestade chegou e banhou a cidade de sangue. Sangue esse que fortificou os laços e raízes da cidade no que eles têm de mais forte, que é sua história e sua cultura. A cabeça na mão de Lunga resgata a referência histórica do cangaço, onde Lunga, sem camisa e com uma arma na mão, mostra sua força e poder.

O fundo da fachada do museu mostra como Lunga está em casa, onde Lunga está em seu território, e como os forasteiros que vêm de uma realidade completamente diferente, estão despreparados para lidar com a realidade nordestina. A posição da personagem, em frente à porta, causa o contraste que cria um desenho. Uma linha que representa o caminho percorrido pelo povo nordestino e ao redor a imensidão da hostilidade do bioma. Nessa linha está Lunga, o símbolo completo da força e resistência do povo nordestino.

#### **4.3.2.3. Relação com a Narrativa do Filme - Figura 9**

A cena introdutória de Lunga acontece quando Pacote vai a seu encontro para convocá-lo na represa desativada. Ele se apresenta no alto de uma torre, vendo a chegada de Pacote atrás de grades de proteção da torre. Essa introdução reforça sua condição de exilado, sendo perseguido pelas autoridades, mas também demonstra como ele pode ser convocado, quando necessário. No filme, Lunga toma um papel de força, representando a própria arma usada pela população de Bacurau no embate direto com os efeitos causados pela gestão política, onde a vida do povo foi vendida.

Na chegada de Lunga, ele é recebido com aplausos e entusiasmo, sendo bem acolhido pela população. Essa cena é marcada pela interação do personagem com o povo, pois é um elemento do grupo social que luta por suas causas de forma autônoma. Ele traz resultados e representa a vontade do povo de Bacurau. E sua figura sendo desvendada com seu surgimento em meio ao povo da cidade sugere uma conexão intrínseca entre Lunga e a cultura local, reafirmando sua posição como defensor das raízes culturais e históricas da comunidade.

O desfecho do embate com os invasores centraliza Lunga como personagem profundo, de luta, resistência e poder, fazendo com que a construção de todo seu significado seja colocado em evidência. Após matar selvagemmente um dos forasteiros dentro do museu (causando a simbólica chuva de sangue

que é varrida em excesso posteriormente) o personagem surge realizado e despreocupado para buscar reunir todas as cabeças no centro da cidade como demonstração de força e resultado da resistência. Assim, concluindo sua trajetória como símbolo cultural, histórico, de luta e união.

### 7 Considerações finais

Os resultados da análise semiótica de ambientes, cenários e personagens de Bacurau (2019) demonstraram que o filme desconstrói estereótipos que por muito tempo reduziram a imagem do Nordeste ao sofrimento causado pela seca, conforme aponta Andrade (2008). O filme amplia a perspectiva da estética da seca ao apresentar uma visão diversificada da região, onde há uma cidade autônoma onde habita a resistência, a união e a valorização da identidade cultural que se destacam como elementos centrais. O uso de cenários como a caatinga, a praça central e o museu, junto da caracterização de personagens como Domingas e Lunga, reforçam a ideia de que o Nordeste é um espaço de luta e pertencimento, construído sobre memórias históricas e resiliência coletiva.


Ao conectar elementos históricos, como o cangaço e a estética da seca, com questões contemporâneas, Bacurau evidencia como a cultura nordestina se adapta e se mostra resistente novamente frente às adversidades. A exposição das cabeças dos forasteiros, por exemplo, remete a práticas históricas de resistência e justiça popular, resgatando a memória coletiva e reafirmando a autonomia da comunidade. Essas representações vão além de um simples reflexo do sertão, propondo uma narrativa que valoriza o nordeste como um território rico em história, cultura e significado.

Conclui-se que Bacurau representa o nordeste desafiando estereótipos e reafirmando a força de sua identidade cultural. Como Andrade (2008) aponta, a evolução dessa representação é fundamental para desconstruir imaginários pejorativos e evidenciar a diversidade e a riqueza da região. Nesse sentido, o filme se posiciona como um ponto de valorização do sertão e de sua cultura, resgatando e reafirmando a memória e a resistência do povo nordestino, juntamente da ideia de um povo com conhecimento e bem informados.

### Referências

- ANDRADE, Matheus. **O sertão é coisa de cinema**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2008.
- BARNWELL, Jane. **Production design: architects of the screen**. Wallflower Press, 2004.
- COUTO, B. Cultura na região Nordeste: origem, festas, ritmos, culinária e artes. **Jornal da Paraíba**, 07 julho 2023. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/qualaboa/cultura-na-regiao-nordeste>. Acesso em: 02 de fev. 2025.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Papirus editora, 1996.
- KHILL, L. H. P. **Introdução**. Embrapa, 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/bioma-caatinga/introducao>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s)**. In: VI Congresso Sopcom. Lisboa: Universidade Lusófona, 2009. p. 1-11.
- PERONI, Juliana Mateus. **Design de superfície: a cultura nordestina como referência para a elaboração de uma identidade visual**. Repositório Institucional da Unesc, 2020.
- SANTAELLA, Lucia; NOTH, Winfried. **Introdução à semiótica**. Paulus Editora, 2021.

SANTOS, Marcelo Moreira. **Cinema e semiótica**: a construção sógnica do discurso cinematográfico. Revista Fronteiras, v. 13, n. 1, 2011.

	<b>INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA</b>
	Campus Cabedelo - Código INEP: 25282921
	Rua Santa Rita de Cássia, 1900, Jardim Camboinha, CEP 58103-772, Cabedelo (PB)
	CNPJ: 10.783.898/0010-66 - Telefone: (83) 3248.5400

## Documento Digitalizado Ostensivo (Público)

### TCC Will Robson Ramos da Silva Moura com Ficha e Folha de Aprovação

<b>Assunto:</b>	TCC Will Robson Ramos da Silva Moura com Ficha e Folha de Aprovação
<b>Assinado por:</b>	Will Moura
<b>Tipo do Documento:</b>	Anexo
<b>Situação:</b>	Finalizado
<b>Nível de Acesso:</b>	Ostensivo (Público)
<b>Tipo do Conferência:</b>	Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- Will Robson Ramos da Silva Moura, DISCENTE (202217010011) DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO - CABEDELLO, em 30/03/2025 19:41:17.

Este documento foi armazenado no SUAP em 30/03/2025. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 1440528

Código de Autenticação: b9384c6a57

